

CHAMADA INTERNA 2020 PROPOSTAS para PROJETOS DE MEMÓRIA INSTITUCIONAL

Título do Projeto

Lugar de Memória: história e vida dos trabalhadores técnicos da Fiocruz

Responsável pelo Projeto

Nome: Renata Reis

Endereço eletrônico: renata.reis@fiocruz.br

Telefone de contato: (21) 3865-9753 (Institucional – EPSJV/Fiocruz)

(21) 99648-9678 (pessoal)

Objetivos

Geral:

Contribuir para a preservação da memória do trabalho e dos trabalhadores técnicos em saúde da Fiocruz nas distintas temporalidades da história, considerando suas possibilidades de diálogo com o tempo presente e as diversas pesquisas, experiências, narrativas, testemunhos e trajetórias destes trabalhadores na Instituição, em seus 120 anos de existência.

Específicos:

- a) Desenvolver um ambiente virtual, de caráter permanente e dinâmico, considerando as trajetórias e experiências dos trabalhadores técnicos do Instituto Oswaldo Cruz, em suas três primeiras décadas de existência;
- b) Fomentar a pesquisa e o conhecimento científico sobre a história do trabalho técnico na Fiocruz em diálogo com o tempo presente;
- c) Produzir recursos e dispositivos pedagógicos que possam ser integrados às ações e projetos educativos da Fiocruz;
- d) Promover a cultura colaborativa no desenvolvimento da pesquisa e no acesso às fontes para a história dos trabalhadores técnicos da Fiocruz, através da transferência de dados entre repositórios digitais da instituição;
- e) Fortalecer o sentimento de pertencimento à Fiocruz entre seus estudantes, funcionários, docentes e pesquisadores;

Resumo da Proposta

O presente projeto tem como propósito constituir um lugar de memória para os trabalhadores técnicos em saúde da Fundação Oswaldo Cruz, de forma a contribuir para a construção e preservação de uma memória coletiva, considerando as experiências históricas vividas por este grupo de trabalhadores, dando visibilidade a outras narrativas que fazem parte da trajetória da instituição. O projeto pretende estabelecer um lugar de materialidade para que a memória desses trabalhadores possa também ser apreendida por toda comunidade Fiocruz, funcionando como alicerces de uma memória coletiva que pode revelar e expressar o compartilhamento de identidades comuns. Essas histórias trazem outros ângulos para que possamos conhecer e refletir sobre a trajetória da Fiocruz em suas três primeiras décadas de existência, buscando fortalecer um sentimento de identificação e de pertencimento dos atuais trabalhadores técnicos da Instituição com aqueles que os precederam no passado. A ideia é a criação de um ambiente virtual dinâmico com uma dupla funcionalidade: organizada como uma exposição digital permanente, em contínua ampliação e atualização, sobre a história do trabalho e dos trabalhadores técnicos da Fiocruz e, simultaneamente, um repositório voltado à preservação digital de fontes para pesquisas sobre o trabalho técnico na Instituição, interoperando com o sistema de acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Além da plataforma, serão estabelecidos lugares de memória em vários pontos do Campus da Fiocruz, tais como edificações, laboratórios de pesquisa e outros locais do sítio histórico e arquitetônico da Fiocruz. Esses pontos de memória serão identificados através de placas sinalizadoras com texto informativo sobre o local e um QR code que, ao ser acionado com a câmera de um celular, levará o visitante ou o trabalhador da Instituição para a plataforma digital, dando acesso aos conteúdos da exposição virtual.

Público a que se destina

Público em geral, estudantes, docentes, pesquisadores e todos os trabalhadores da Fundação Oswaldo Cruz e das áreas da saúde, ciência e tecnologia.

Detalhamento da Proposta

Os trabalhadores técnicos representam mais da metade do contingente total de trabalhadores em saúde no Brasil, distribuídos em diversas categorias profissionais que vão desde os cuidadores de idosos, agentes comunitários de saúde e auxiliares de enfermagem até os tecnólogos de nível superior.

Sua atuação envolve diferentes modalidades de assistência à saúde, da Atenção Primária até a alta complexidade hospitalar, estando presentes também nas equipes de estudos e pesquisas voltadas para a produção de medicamentos, vacinas, insumos, complementação diagnóstica, e outros.

Nesses tempos de agora, diante da pandemia do Covid-19, esses trabalhadores têm sido fundamentais no cuidado aos doentes e nos processos de pesquisa, diagnóstico, e exames laboratoriais de confirmação e monitoramento da evolução da doença.

No entanto, historicamente, os trabalhadores técnicos em saúde têm experimentado políticas de qualificação que não atendem suas demandas específicas por formação, reconhecimento e regulamentação profissional, impactando trajetórias de vida e trabalho. Expostos aos processos de precarização, que envolvem formas de contratação, direitos, condições de trabalho, incluindo relações sociais determinadas por uma hierarquização de saberes e subordinação de suas práticas, fica reservado para eles um lugar de menor valor dentro das equipes, instituições onde atuam e junto à sociedade. (BATISTELLA, 2013; MOROSINI, 2010, VIEIRA, DURÃO e LOPES, 2011; VIEIRA E CHINELLI, 2013).

Os reflexos deste cenário se fazem sentir também no campo da história, tendo em vista a pouca produção de estudos¹ que se ocuparam do trabalho e dos trabalhadores técnicos da saúde. Diante da vasta historiografia sobre a gênese da Fundação Oswaldo Cruz e seus célebres personagens, todos conhecemos, ou pelo menos já ouvimos falar, em Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Adolpho Lutz, Henrique Aragão, Ezequiel Dias e tantos outros, com suas presenças imortalizadas em livros, em

¹ No que se refere aos técnicos da Fiocruz, podemos citar o artigo de Jaime Benchimol publicado em 1989, "Retratos do Cotidiano em Manguinhos". Há ainda o livro de Olympio da Fonseca Filho (1974) e as duas publicações de Carlos Chagas Filho (1993, 2000), que fazem menção aos auxiliares de laboratório balizados em suas memórias pessoais sobre a convivência com estes trabalhadores.

fundos e coleções arquivísticas, na nomenclatura de edificações, ruas, praças e monumentos do campus da instituição.

Estes marcos configuram “lugares de memória” no sentido utilizado por Pierre Nora (1993), que nos faz refletir sobre a relação entre o valor do passado e o sentimento de pertencimento a um determinado grupo, situando-se entre a memória individual e a memória coletiva. Nesta perspectiva, os lugares de memória tem também uma estreita relação com a constituição de uma identidade comum.

No entanto em sua origem, quando ainda era denominada de Instituto Oswaldo Cruz, a Fiocruz não foi construída somente pelos cientistas. Junto deles estavam também o que hoje seriam os trabalhadores técnicos daquele período: os auxiliares de laboratório². O mais conhecido foi o próprio Joaquim Venâncio, patrono da Escola Politécnica.

Esses trabalhadores atuaram lado a lado com os cientistas nas pesquisas experimentais, na produção de medicamentos, vacinas, soros e outros insumos, no trabalho de campo das expedições científicas, no ensino, e tiveram uma participação fundamental no desenvolvimento da ciência e da saúde pública brasileira, mas são praticamente desconhecidos pela comunidade da Fiocruz. Até mesmo Joaquim Venâncio, apesar de homenageado na ocasião de fundação da Escola Politécnica³, não possuía uma biografia sistematizada. O conhecimento sobre ele limitou-se, durante muito tempo, a uma fotografia e a alguns artigos⁴ de pesquisadores baseados em suas lembranças e em “causos” que se contavam, recriando memórias sobre este personagem.

O conceito de memória está relacionado com lembranças de acontecimentos que envolvem afetos. É um processo vivido, conduzido por grupos vivos, e por isso mesmo em permanente evolução, vulnerável a muitas manipulações (D’ALESSIO,

²É possível perceber uma variada nomenclatura que faz referência a estes mesmos sujeitos sociais, também designados como trabalhadores subalternos ou serventes. Ambos os termos estão ancorados nos Regulamentos institucionais do Instituto Oswaldo Cruz. O termo “pessoal subalterno” compunha a denominação geral da categoria funcional dos trabalhadores da instituição. Já a denominação “servente” tem relação com o cargo ocupado pelo trabalhador.

³ O Politécnico da Saúde Joaquim Venâncio foi criado em agosto de 1985.

⁴FERREIRA, Luiz Fernando. Joaquim Venâncio Fernandes (1895-1955). Revista Trabalho, Educação e Saúde. Vol.1. nº 1. Março de 2003 e PARAENSE, Lobato. Joaquim Venâncio. Cadernos de Saúde Pública, vol.4 nº.2 Rio de Janeiro abr/jun, 1988.

1992). Para a memória não existe passado e presente, pois se reporta à herança, à tradição. Ao mesmo tempo, é o que move nossa existência social, pois é a única maneira de sobrepor a vida à morte, o espírito contra o vazio, renovando os elos entre gerações e a preocupação com o passado coletivo (PETERSEN e LOVATO, 2013).

Para Nora (1993), é preciso que tomemos consciência que memória e história não são sinônimos: “A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (idem, *ibidem*. p. 9). A história é consciente da existência do passado e quer conhecê-lo, envolvendo crítica, reflexão, distanciamento e objetividade. Sua finalidade é construir uma representação, dentro dos limites impostos pelo passado, ligados às continuidades temporais, às evoluções e as relações das coisas.

As memórias são, portanto, fontes para a história, pois possibilitam saber o que tem sido lembrado por diferentes grupos sociais. Diante desta perspectiva, seus conteúdos ficam sujeitos a uma análise criteriosa e crítica, pois revelam o que ou quem se quer lembrar e por quê. Assim entendemos que a memória é um fenômeno social plural, admitindo a coexistência de diversas memórias, muitas vezes em disputa pelo que devemos lembrar e pelo que devemos esquecer. Dessa forma, a memória também se refere a relações de poder e é papel do pesquisador investigar os contextos e as condições históricas em que foram produzidas.

Partindo desse entendimento, o propósito deste projeto é constituir um lugar de memória para os trabalhadores técnicos em saúde da Fundação Oswaldo Cruz, de forma a contribuir para a construção e preservação de uma memória coletiva, considerando as experiências históricas vividas por este grupo de trabalhadores, dando visibilidade a outras narrativas que fazem parte da trajetória da instituição.

Neste sentido, o projeto pretende estabelecer um lugar de materialidade para que a memória desses trabalhadores possa também ser apreendida por toda comunidade Fiocruz, funcionando como alicerces de uma memória coletiva que pode revelar e expressar o compartilhamento de identidades comuns.

O ponto de partida para a construção deste lugar de memória é o trabalho de investigação intitulado *A “grande família” do Instituto Oswaldo Cruz: a contribuição dos trabalhadores auxiliares dos cientistas no início do século XX*. Defendido em 2018

como tese de doutoramento⁵, o estudo procurou descrever e analisar os processos, a divisão do trabalho e as relações sociais daí engendradas, buscando apreender a participação dos auxiliares de laboratório dos cientistas do Instituto Oswaldo Cruz na construção da ciência e da saúde pública brasileira entre os anos de 1900 a 1930.

Tendo como lócus principal do trabalho empírico os documentos pertencentes ao Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, foi possível identificar e analisar os percursos de formação profissional e trajetórias de vida, os aspectos da divisão social do trabalho e a construção de sociabilidades no trabalho e na vida em comum que estes trabalhadores partilhavam por residirem nos terrenos e nos arredores da Fazenda de Manguinhos.

A investigação das fontes contemplou os Livros de Registros pertencentes à Seção Cadastro de Funcionários Estatutários, composto por nove livros manuscritos contendo os registros funcionais do Instituto Oswaldo Cruz, desde 1908 até a década de 1970, apresentando informações onomásticas sobre cada funcionário contratado ou nomeado para o IOC com dados sobre ingresso, ascensão funcional, férias, licenças, suspensões e punições e outros atos administrativos. Foram selecionados 127 registros até 1930, data limite do estudo, utilizando como critério geral aqueles trabalhadores que constassem em suas notações o cargo de servente, servente de laboratório ou auxiliar de laboratório.

A partir deste conjunto, foi possível agregar outras fontes tais como documentos administrativos, técnico-científicos, correspondências, relatórios, ordens de serviço, e outros. Encontramos ainda uma vasta documentação sobre os imóveis construídos nos terrenos do Instituto e que serviam de moradia para seus funcionários.

Os depoimentos orais do Projeto Memórias de Manguinhos foram igualmente, fontes fundamentais para a pesquisa. A partir deste acervo foram selecionados onze depoimentos, entre trabalhadores auxiliares e cientistas, possibilitando reconstruir

⁵ BATISTELLA, Renata Reis C. A “Grande Família” do Instituto Oswaldo Cruz: a contribuição dos trabalhadores auxiliares dos cientistas no início do século XX. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2018. Disponível em <https://pesquisa.bvsalud.org/bvseps/resource/pt/eps-6456>

aspectos do trabalho dos auxiliares que não estavam nítidos nas fontes documentais da Instituição.

A coleção de imagens do acervo da Casa de Oswaldo Cruz também se constituiu uma importante fonte de pesquisa e contemplou todos os itens da Série 20 – Serviço de fotografia que apresenta 12 subséries⁶ que retratam entre outros temas a história do IOC, suas antigas instalações e o conjunto arquitetônico mourisco, pesquisadores e outros funcionários, expedições científicas, atividades de laboratório, estudos em animais e plantas, micro e macrofotografias, retratos de doentes e etc.

É importante destacar que os conteúdos sobre os trabalhadores técnicos do IOC encontram-se dispersos por todo o acervo, sem que estejam reunidos e sistematizados em um único fundo ou coleção, o que envolveu uma minuciosa e trabalhosa busca por estes auxiliares, que poderiam estar em qualquer lugar do arquivo.

Além do arquivo da COC, foi consultada a página web “Memórias do Instituto Oswaldo Cruz”, acessando alguns relatórios de expedições científicas que ocorreram desde 1909 até 1930. O caráter descritivo destas publicações forneceu pistas importantes para reconstruir aspectos do cotidiano destas incursões, incluindo os trabalhos desempenhados pelos auxiliares.

Outros dois bancos de dados utilizados na pesquisa foram os portais da Câmara dos Deputados e a Hemeroteca Digital Brasileira. No primeiro, foram levantados todos os decretos mencionados na documentação pesquisada nos arquivos da COC, sobre o IOC e outros órgãos governamentais como a Secretaria de Justiça e Negócios Interiores, incluindo a legislação sobre o funcionalismo público da época. No segundo, através da leitura dos jornais da época, foi possível descobrir, por exemplo, a existência e características de funcionamento do Manguinhos Futebol Clube, clube de futebol, fundado em 1915 pelos trabalhadores do IOC e que na década de 1920 disputou vários campeonatos da Liga Brasileira de Desportos, consagrando-se campeão no ano de 1921.

⁶ Divididas em: Núcleo arquitetônico da Fiocruz, Personalidades, Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Pesquisadores e outros funcionários, Eventos, Expedições, Campanhas sanitárias, Atividades em laboratório, Aspectos do estado do Rio de Janeiro e do Instituto Butantã em São Paulo, Retratos de doentes e Reproduções fotográficas de documentos.

A partir do cruzamento deste conjunto de fontes foi possível reconstruir aspectos do trabalho dos auxiliares de laboratório em Manguinhos, que não constavam nos documentos oficiais produzidos pela Instituição demonstrando que, desde seu ingresso no Instituto, os trabalhadores auxiliares passaram por experiências diversas que produziram uma transformação no seu lugar histórico, pois adquiriram conhecimento, reconhecimento e valor profissional. No entanto, isso não implicou em rompimento com o lugar institucional subalternizado. As relações de trabalho entre os auxiliares de laboratório e os pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz, ao mesmo tempo em que colocavam os primeiros em uma situação de submissão vinculada à retribuição do favor e ao apelo pela conquista de laços de pertencimento de família que garantissem um reconhecimento profissional, colaborou para fortalecer entre os próprios auxiliares a construção destes laços expressos através de práticas de solidariedade e de apoio mútuo.

A pesquisa produziu ainda pequenas biografias que reconstroem a trajetória profissional e de vida de seis trabalhadores técnicos que viveram no período temporal do estudo. São eles: Joaquim Venâncio Fernandes, Attilio Borriello, Hamlet William Aor, Ernani de Moura Caldas, Francisco José Rodrigues Gomes e José Cunha. Através destas pequenas histórias pudemos apresentar alguns sujeitos da pesquisa e oferecer uma aproximação inicial dos aspectos que nos permitiram conhecer as mediações históricas presentes na construção das relações de trabalho do Instituto Oswaldo Cruz em seus primeiros trinta anos de existência.

As histórias retratadas demonstraram que o trabalho desempenhado pelos auxiliares de laboratório do Instituto Oswaldo Cruz, foi fundamental para o desenvolvimento da própria Fiocruz, da ciência e da saúde pública brasileira. No entanto, a divisão de classe e as relações saber/poder inseridas na totalidade das relações sociais prevalentes no período da Primeira República no Brasil, manifestada na particularidade das relações de trabalho do Instituto Oswaldo Cruz, reproduziu uma divisão social do trabalho no Instituto que limitou o reconhecimento do trabalho e dos saberes dos auxiliares de laboratório, reservando para estes um lugar de menor valor na construção da ciência.

Essas relações foram mediadas pelo paternalismo, pela lógica do favor e da cordialidade, próprios da gênese da sociedade brasileira, onde os padrões de

relacionamento dos espaços privados, como por exemplo, a família patriarcal característica do Brasil agrário oligárquico do início do século XX, sobrepõe-se à forma de atuação do Estado, pessoalizando o espaço público a partir de interesses particulares. Nesta perspectiva, os afetos operaram como recursos que buscaram amenizar a exploração do trabalho e os possíveis conflitos emergentes da desigualdade, gerados pela manutenção da propriedade privada, e por mecanismos de poder, autoritarismo e distinção de classe que se manifestavam na totalidade da construção do trabalho livre e na particularidade do cotidiano do trabalho em Manguinhos.

Essas mediações estiveram presentes desde o recrutamento e seleção desses trabalhadores, passando pela moradia no local de trabalho, por sua ascensão funcional, nas estratégias de transpor o acesso ao conhecimento científico e na relação com os cientistas.

Por outro lado, agindo como sujeitos de suas próprias histórias, os auxiliares de laboratório souberam transitar pelos meandros de uma hegemonia cultural da instituição, que tentava impor um modo de vida onde o cientista era incontestavelmente soberano. Assim sendo, atuaram de forma a reverter os mesmos mecanismos de manutenção da hegemonia dominante em favor de seus próprios interesses, como por exemplo, no acesso aos livros da biblioteca, vedados a eles, e na colocação de postos de trabalho no Instituto para seus filhos ou outros familiares.

A moradia no Instituto, ao mesmo tempo em que os submetia a um regime de trabalho quase que ininterrupto, favoreceu as relações de solidariedade e ajuda mútua entre os companheiros de trabalho, como a organização de práticas associativas que pressupunham a institucionalização de sociabilidades de diferentes ordens, como o time de futebol do Manguinhos F.C. e a fundação de uma entidade religiosa beneficente, como o a Congregação Espírita Oswaldo Cruz⁷.

Da mesma forma, podemos considerar que o aprendizado no cotidiano de trabalho dos auxiliares de laboratório, que ultrapassou os limites impostos pela divisão

⁷A Congregação Espírita Oswaldo Cruz foi fundada no dia 25 de março de 1933, por iniciativa de Abílio Lopes de Oliveira, auxiliar de laboratório que ingressou em Manguinhos em 1913. A Congregação continua em funcionamento até os dias atuais. Sua sede fica no bairro de Bonsucesso, RJ.

social do trabalho na instituição, constituiu-se como um mecanismo de resistência dos subalternos, situado nas disputas do campo do trabalho-educação.

O acesso à educação formal, limitado pela condição social dos trabalhadores auxiliares, não impediu que estes adquirissem os conhecimentos necessários para o bom desempenho de seu trabalho. O aprendizado com os cientistas e com os colegas de laboratório no Instituto proporcionou uma ascensão profissional por dentro da classe, mas não chegou a representar uma ruptura de seu lugar subalterno na Instituição.

Os limites dessa ascensão restringiram-se em torno de algumas prerrogativas que exprimiam o que se esperava de um bom auxiliar de laboratório: o respeito à hierarquia, a dedicação, o amor e a lealdade. Premido por este horizonte identitário, importava para esses trabalhadores chegar a ser um técnico completo, ser um auxiliar dileto e conseguir um posto de trabalho para seus familiares.

Essas histórias trazem outros ângulos para que possamos conhecer e refletir sobre a trajetória da Fiocruz em suas três primeiras décadas de existência, buscando fortalecer um sentimento de identificação e de pertencimento dos atuais trabalhadores técnicos da Instituição com aqueles que os precederam no passado.

Nesta perspectiva, concordamos com Walter Benjamin (2012) quando assevera que o passado contém o presente e o lugar da história é preenchido de um “tempo de agora” (idem, p. 249). O autor propõe uma forma de produção da história através de uma reflexão sobre a recuperação e reconstrução do passado em sua relação com o presente, o que significa também a junção entre história e política e entre rememoração e redenção: “(...) a imagem da felicidade está indissolúvelmente ligada à da redenção. O mesmo ocorre com a representação do passado que a história transforma em seu objeto” (idem, p.242).

A rememoração é a possibilidade de visitar o passado e realizar uma reparação, seja individual ou coletiva, no campo da história, evocando as experiências das gerações que nos precederam para então redimi-las, e assim também nos redirmos, buscando “(...) uma transformação ativa do presente”(GAGNEBIN, 2013, p.105).

Aqui o caráter messiânico é, na verdade, emancipatório: não há um messias, nós somos os agentes da nossa libertação. Nesta perspectiva, apropriar-se

historicamente do passado significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento do perigo. O perigo a que o autor se refere é o do conformismo diante da história, apontando para a possibilidade de subvertê-la, tornando aparente suas contradições. O papel do historiador é o de despertar no passado a luta pelos aspectos brutos e materiais, sem as quais não existem os refinados e espirituais, o que implica em contar a história considerando os elementos espirituais que se relacionam com a cultura e que Benjamin define como confiança, coragem, humor, astúcia e firmeza, que vão constituir um sentimento de classe (Benjamin, 2012).

A criação deste Lugar de Memória vem ao encontro do sentido que Benjamin atribui, rememorando e redimindo o trabalhador técnico da Fiocruz do esquecimento e do silêncio sobre suas narrativas e trajetórias na Instituição, oferecendo às novas gerações uma reflexão sobre os caminhos trilhados e novas possibilidades de percurso na construção da história institucional.

Resultados Previstos

O produto deste projeto é a criação de um lugar de memória que abrigue a história dos trabalhadores técnicos da Fiocruz em sua gênese, funcionando ao mesmo tempo como um lócus de preservação do patrimônio imaterial do trabalho técnico em saúde da Instituição, um ambiente pedagógico de conhecimento e um repositório de fontes para pesquisas sobre o tema.

A ideia é a criação de um ambiente virtual dinâmico com uma dupla funcionalidade: organizada como uma exposição digital permanente, em contínua ampliação e atualização, sobre a história do trabalho e dos trabalhadores técnicos da Fiocruz e, simultaneamente, um repositório voltado à preservação digital de fontes para pesquisas sobre o trabalho técnico na Instituição, interoperando com o sistema de acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

A plataforma ficará disponível no site da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Ao acessá-la o usuário poderá conhecer a história dos trabalhadores técnicos da Fiocruz, através de pequenos textos elaborados especialmente para a exposição, acompanhados por imagens e documentos digitalizados, ancorados no arquivo da COC/Fiocruz e compartilhados com a plataforma através da adoção do protocolo da Iniciativa dos Arquivos Abertos (Open Archives Initiative Protocol for

Metadata Harvesting/OAI-PMH), um mecanismo para transferência de dados entre repositórios digitais. Essa metodologia de compartilhamento já é adotada pela Casa de Oswaldo Cruz no projeto da Brasileira Fotográfica, iniciativa da Biblioteca Nacional. Desta forma, além de adquirir conhecimento sobre a história deste grupo de trabalhadores da Instituição, o usuário poderá também acessar os documentos digitalizados na base do Arquivo da COC/Fiocruz.

Além da plataforma, serão estabelecidos lugares de memória em vários pontos do Campus da Fiocruz, tais como edificações, laboratórios de pesquisa e outros locais de seu sítio histórico e arquitetônico. Podemos citar como exemplo o prédio do Pombal, antigo biotério de pequenos animais e local eminente de trabalho de muitos auxiliares de laboratório da Fiocruz. Venâncio Bomfim, sobrinho de Joaquim Venâncio, chegou a utilizar a torre da construção como dormitório. Ou ainda o edifício da Cavaliça, onde seu sótão foi utilizado como dormitório de muitos auxiliares que moravam no Instituto. Esses pontos de memória serão identificados através de placas sinalizadoras com texto informativo sobre o local e um QR code que, ao ser acionado com a câmera de um celular, levará o visitante ou o trabalhador da Instituição para a plataforma digital, dando acesso aos conteúdos da exposição virtual.

Acreditamos que estas iniciativas, além de contribuir para o registro da história e preservação da memória deste grupo de trabalhadores que fizeram parte da Fiocruz, estarão colaborando para a criação de novos equipamentos para compor as áreas de visitação pedagógica do Campus, que poderão ser utilizadas pela EPSJV, por outras escolas de ensino fundamental e médio, pelo público visitante do Museu da Vida, e por toda a comunidade da Fiocruz que circula pelo Campus, favorecendo a democratização do conhecimento sobre a história da Instituição, a ressignificação da memória institucional, o estímulo a novas pesquisas e investigações sobre o tema e a integração entre ciência, cultura e sociedade através da história.

O caráter dinâmico que se quer conferir à plataforma digital tem como intenção a possibilidade de agregar, em uma perspectiva futura, novas pesquisas realizadas sobre os trabalhadores técnicos da Fiocruz, deste e de outros períodos cronológicos de sua história, para compor a exposição. Assim como sua integração a outros ambientes digitais previstos em estudos e pesquisas da EPSJV, de outras unidades técnico-científicas da Fiocruz ou instituições de saúde, que guardem

afinidades com o tema, buscando estabelecer um diálogo com a história do presente, através de memórias, narrativas, testemunhos e trajetórias de trabalhadores da saúde.

Cronograma de Desenvolvimento (12 meses de execução + Relatório e Prestação de Contas)

Atividades desenvolvidas	Mês													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	1	2
Seleção e contratação de bolsista na área de Museologia para produção de conteúdo, organização da exposição virtual e dos pontos de memória no Campus Fiocruz	■	■												
Contratação de serviço de autônomo de web designer para produção de identidade visual do projeto e desenvolvimento do website que abrigará a exposição virtual					■	■	■	■						
Reuniões com Vice Direção de Patrimônio Cultural e Divulgação Científica da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz (Departamentos de Departamento de Arquivo e Documentação, Departamento de Patrimônio Histórico, Serviço de Conservação e Restauração, Museu da Vida e Assistência Técnica da VDPCCD)	■			■				■			■			
Reuniões com a Coord. Geral de Infraestrutura dos Campi (Cogic/Fiocruz)								■			■			
Produção de conteúdos (textos, seleção e digitalização de documentos de arquivo, imagens, transferência de dados, compartilhamento de acervos, etc)			■	■	■	■	■	■	■					
Mapeamento dos pontos de memória no Campus (aproximadamente 10 pontos)			■	■	■	■	■	■	■					
Definição da quantidade e localização dos pontos de memória no Campus de Manguinhos										■				
Concepção dos textos interpretativos e da identidade visual das placas sinalizadoras (em consonância com o projeto de requalificação da área histórica do Campus de Manguinhos NHAM)										■				
Instalação provisória de “pontos de memória” a partir da utilização dos suportes já existentes na área histórica do Campus de Manguinhos										■				
Testagem do piloto do Projeto Lugar de Memória: ambiente virtual (exposição virtual e repositório documental) e pontos de memória provisórios pelos estudantes da EPSJV											■			
Lançamento da exposição Lugar de Memória dos Trabalhadores Técnicos da Fiocruz												■		

Elaboração de Relatório Final e do Relatório de Prestação de Contas do Projeto															
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Orçamento do Projeto

Pessoa Jurídica

Inscrição em Congresso para divulgação dos resultados do projeto

1 inscrições para bolsita do Projeto R\$ 400,00

Valor total: R\$ 400,00

Subtotal Pessoa Jurídica: R\$ 400,00

Pessoa Física

Contratação de bolsista de nível superior, com experiência de 0 a 01 ano na área de Museologia, por 11 meses

R\$ 1.600,00 x 11 = R\$ 17.600,00

Contratação de serviço de autônomo de web designer para produção de identidade visual do projeto e desenvolvimento do website que abrigará a exposição virtual

Valor total: R\$ 12.000,00 (pago em parcelas mediante a entrega dos produtos. OBS: impostos e taxas incluídos)

Subtotal Pessoa Física: R\$ 29.600,00

Material de Consumo

Contrapartida da unidade

ORÇAMENTO GERAL DO PROJETO	
Elemento de Despesa	Valor Total
Pessoa Jurídica	400,00
Pessoa Física	29.600,00
Material de Consumo	0,00
TOTAL	30.000,00

Contrapartida da Unidade (EPSJV)

Desenvolvimento, hospedagem e manutenção do Ambiente Virtual no servidor da EPSJV – Setor de Informática e Setor de Comunicação da EPSJV

Gestão Administrativa do Projeto – LATEPS/EPSJV

Material de Consumo

Formas de Divulgação dos Resultados

Apresentação dos resultados do projeto em congressos e eventos científicos;

Canais de divulgação internos da Fiocruz (Fiocruz-I; CCS Notícias etc);

Site Institucional da Fiocruz e da EPSJV;

Apresentação do Projeto “Lugar de Memória: história e vida dos trabalhadores técnicos da Fiocruz” no evento Fiocruz pra Você;

Publicação do ambiente virtual “Lugar de Memória: história e vida dos trabalhadores técnicos da Fiocruz”;

Catálogo de Exposições Virtuais do site do Museu da Vida;

Sites das Revistas Jornalísticas institucionais “Poli”, “Radis” e outras.

Referências

Bibliografia

BATISTELLA, Carlos Eduardo Colpo. Qualificação e identidade profissional dos trabalhadores técnicos da Vigilância em saúde: entre ruínas, fronteiras, e projetos. *In*: MOROSINI, Marcia Valéria Guimarães Cardoso et al. (Orgs.) **Trabalhadores Técnicos da Saúde: aspectos da qualificação profissional no SUS**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2013.

BATISTELLA, Renata Reis C. **A “Grande Família” do Instituto Oswaldo Cruz: a contribuição dos trabalhadores auxiliares dos cientistas no início do século XX**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2018.

BENCHIMOL, Jaime Larry (coord.). **Manguinhos do sonho à vida: a ciência na Belle Époque**. Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz, 1990.

BENCHIMOL, Jaime Larry (coord.). **Manguinhos: um retrato de corpo inteiro** (1º Relatório de Pesquisa). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1988.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Retratos do Cotidiano em Manguinhos. *In*: **Cadernos da Casa de Oswaldo Cruz**, nº 1, vol. 1. Novembro de 1989. p. 19-31.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8ª edição, São Paulo, Brasiliense, 2012.

CHAGAS FILHO, Carlos. **Meu Pai**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 1993.

CHAGAS FILHO, Carlos. **Um aprendiz de ciência**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Editora da Fiocruz, 2000.

DÁLESSIO, Marcia Mansur. Memória; leituras de M. Habwachs e P. Nora. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. ANPUH/Marco Zero, n. 13. V. 25-26. P. 97-104. Set. 92/ago.93.

FERREIRA, Luiz Fernando. Joaquim Venâncio Fernandes (1895-1955). **Revista Trabalho, Educação e Saúde**. Vol.1. nº 1. Março de 2003.

FONSECA FILHO, Olympio da. **A Escola de Manguinhos: contribuição para o estudo do desenvolvimento da medicina experimental no Brasil**. São Paulo: s. n. (Oswaldo Cruz – Monumenta Histórica), 1974.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo, Perspectiva, 2013.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOROSINI, Marcia Valéria Guimarães Cardoso. **Educação e trabalho em disputa no SUS: a política de formação dos Agentes Comunitários de Saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *In Projeto História*, São Paulo, v.10. dez. 1993.

PARAENSE, Lobato. Joaquim Venâncio. **Cadernos de Saúde Pública**, vol.4 nº.2 Rio de Janeiro abr/jun, 1988.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **Introdução ao estudo da história: temas e textos**. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

VIEIRA, Monica e CHINELLI, Filippina. Relação contemporânea entre trabalho, qualificação e reconhecimento: repercussões sobre os trabalhadores técnicos do SUS, **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. 1.], v. 18, n. 6, p. 1591 -1600, 2013.

VIEIRA, Monica; DURÃO, Anna Violeta Ribeiro e LOPES, Marcia Raposo (orgs.) **Para além da comunidade: trabalho e qualificação dos agentes comunitários de saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2011.

Sites consultados

Brasileira Fotográfica/ Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/>. Último acesso em: 19 de maio de 2020.

Museu da Vida/Fiocruz. Disponível em: <http://www.museudavida.fiocruz.br/>. Último acesso em: 19 de maio de 2020.